

## NUCLEAR NÃO DÁ

**Portugal tem um reactor nuclear. O Governo quer que ele dê lucro. Mas não é fácil impor aos investigadores a lógica do sistema produtivo.**

O Reactor Português de Investigação (RPI) não é rentável, considerou Mira Amaral, ministro da Indústria e Energia, em declarações prestadas esta semana ao «T&Q», revelando uma opção do Governo que já circulava há muito tempo: investigação, tudo bem, desde que dê lucro. Os físicos e engenheiros do RPI, instalado em Sacavém, embora não o admitam abertamente, não gostaram da estratégia: entre apoiar a investigação dos cientistas ou transmitir-lhes algumas noções de economia, o Governo escolheu cortar nas despesas. Aos 38 mil contos gastos anualmente na manutenção do reactor, quantia considerada «ridícula» por alguns especialistas, os investigadores contrapõem com as contribuições dadas ao tratamento do cancro, à erradicação da mosca da fruta, à recuperação de ouro e prata a partir das pirites e ao estudo da cerâmica antiga, áreas de aplicação para as quais o nuclear também contribui. Sem que ninguém tenha posto em causa a segurança do funcionamento do reactor, Mira Amaral viu-se com a batata quente nas mãos: rendibilizar a investigação sem intervenção do Estado e decidir qual o melhor enquadramento institucional de um reactor que não é nem industrial nem produtor de energia.

O primeiro problema parece resolvido: cortar nas despesas. «**Não vivemos no tempo das vacas gordas**», afirmou o ministro da Indústria e Energia ao «T&Q»; «**existe uma orientação clara do Governo no controlo das despesas correntes. Daí pensarmos que cabe ao reactor angariar receitas próprias**». Rui de Carvalho, operador do reactor e delegado sindical, reduz a acção «estabilizadora» de Mira Amaral à «**óptica mercantilista do Governo. É difícil trabalhar em projectos de investigação com pressões deste tipo**».

Para o deputado socialista José Sócrates, «**o Governo devia apoiar directamente a investigação científica e abdicar da paranóia do lucro**». «**O reactor foi montado numa fase em que fazia sentido estar na área da Energia**», justifica Mira Amaral. Ou então, no entender de um engenheiro que ali trabalhou, e que pediu o anonimato, «quando ainda se pensava em construir centrais nucleares em Portugal». O reactor funcionaria, assim, para «treinar pessoal», à semelhança do que a EDP também tentou, até ser forçada a desistir da formação de quadros especializados quando a opinião pública virou definitivamente as costas à energia nuclear, principalmente desde Chernobyl. A guerra e o nuclear formaram uma associação macabra no espírito das pessoas, consideram os cientistas.

«**O nuclear entrou com o pé esquerdo na História da Humanidade**», afirma ao «T&Q» o coordenador da investigação no RPI, o físico Eduardo Martinho. E, afinal, o que reserva o futuro? Mira Amaral garante que o RPI não vai acabar, que o problema ainda está em fase de «**reflexão**»; e adianta que a decisão (tomada em conjunto com Carlos Borrego, ministro do Ambiente e Recursos Naturais, e Valente de Oliveira, do Planeamento e Administração do Território) se resumirá a decidir sobre quem terá a responsabilidade de tomar conta do único reactor nuclear de investigação existente em Portugal.

### Caixa

#### «A SEGURANÇA É ABSOLUTA»

O RPI vive com verbas muito limitadas, mas ainda foi possível, no ano passado, substituir diversos equipamentos oriundos da década de 70, tão obsoletos que já não estavam disponíveis no mercado.

A questão da segurança provoca unanimidade: tudo bem. Para os cientistas do RPI, o rigor e a disciplina dos métodos de trabalho e o respeito pelas regras de segurança são, pura e simplesmente, «**uma questão de metodologia científica**», como diz Eduardo Martinho. E Rui Carvalho acrescenta: «**No RPI, a segurança é absoluta**».

O pior, afirmam especialistas, é a opinião que o cidadão comum pode ter quando associa imediatamente «acidente» e «catástrofe». A explosão de Chernobyl, a devastação que provocou no meio ambiente, é um perigo real que contribuiu para que se desconfiasse da energia nuclear. «**O acidente de Chernobyl só foi possível por não se terem cumprido as regras de segurança**», considera Eduardo

Martinho; «**mas este reactor não tem nada a ver com o outro: o nosso é de concepção americana e muitíssimo menos potente**».

Um especialista ligado à engenharia mecânica, que pediu o anonimato, responsabiliza as placas de grafite utilizadas em Chernobyl pela catástrofe ocorrida: «**Pura e simplesmente, entraram em combustão**». Um acidente desses nunca poderia acontecer em Sacavém, considera o mesmo especialista, uma vez que o calor produzido pelo núcleo do reactor não é suficiente sequer para provocar a combustão da grafite. «**Nem tenho conhecimento de que exista esse material em Sacavém**», diz ainda o mesmo perito. Mas, na verdade, existe: dois blocos de grafite, que estão colocados no interior de uma das paredes da piscina do reactor e que funcionam como moderador de neutrões.

Aliás, há relatos de pequenos acidentes ocorridos em Sacavém: um, registado em meados da década de 70, ocorreu devido a uma falha humana — quando um técnico operava uma pequena amostra, difícil de manipular com as pinças, farto de o tentar, agarrou no produto à mão. Foi um risco inadmissível, mas sem consequências, pois o tempo de exposição radioactiva foi curto.

Numa outra ocasião, uma ruptura de «bainhas» num dos elementos de combustível do núcleo do reactor foi rapidamente resolvida, pondo à prova a capacidade do pessoal para responder às situações de emergência. Segundo fontes próximas do RPI, os produtos de cisão no ar não chegaram a ser problema «porque se identificou rapidamente qual o elemento afectado».